

Da cultura e das práticas significantes¹

A importância de uma visão semiótica da cultura para aos estudos em comunicação

Eliana Pibernat Antonini²

Resumo: O presente artigo visa repensar a importância dos estudos semióticos na prática comunicacional, entendidos como lógica do conhecimento e da produção de sentido, passíveis de serem revistos aqui como uma noção interdisciplinar de cultura que abrange os mais diversos campos das áreas do fazer e do dizer humano. Promove a reflexão entre as teorias mais conhecidas e os estudos ligados à cultura e predominantemente à noção de semiosfera, criada por Iuri Lotman num diálogo com a posição já clássica de Umberto Eco, onde todo ato de significação é um ato de comunicação e, conseqüentemente, de cultura. Recupera, igualmente, algumas das contribuições deste autor naquilo em que pretende atender à multiplicidade, à diversidade, à polissemia de significações, que revestem as mais diferentes óticas do viés cultural somado ao comunicacional.

Palavras-chaves: Comunicação, cultura, produção de sentido, semiótica e semiosfera.

*“Todo ato de cultura pressupõe em si mesmo um ato
de barbárie.”*

Martin Heidegger

*“Nós somos o tempo em que vivemos. Vivemos nos três momentos,
da espera, da atenção e da memória”.*

Umberto Eco

¹ Trabalho apresentado ao VI Encontro do Núcleo de Pesquisa em Teorias da Comunicação da INTERCOM - Brasília, 06-09 de setembro de 2006.

² ELIANA PIBERNAT ANTONINI é Doutora pela USP em Teoria Literária, pesquisadora dos processos de produção de sentido na cultura contemporânea. Professora do PPGCOM da FAMECOS/Pucrs. Coordenadora do GAPS – Grupo Avançado de Pesquisa em Semiótica, ligado ao CNPq e a RBSTV.

1916. 1919. 1920. 1929. 1949. 1960. 1969. 1976. 1978. 1997... Datas são números. Datas são marcas. Datas são signos. O tempo como um grande senhor que rege as marés, os ventos, os desejos e os anseios dos homens e de seus conhecimentos, de tão inventivo, nos atravessa e impele a rumos muitas vezes incompletos. O discurso da ciência em si mesmo imagístico e complexo é desafiador na medida que nos leva a percorrer trilhas (in)memoriáveis, (não) fronteiriças, (in) traduzíveis... Datam de 1916, antes da Revolução de Outubro na Rússia, os primeiros estudos de semiótica soviética preocupados com os aspectos sógnicos da linguagem. É de Linzbakh a afirmação. “Nunca se encontrou a pedra filosofal, mas encontrou-se outra coisa muito mais maravilhosa: a ciência exata que nos permite sonhar hoje com a transformação da matéria... consideramos o trabalho dos lingüístas modernos como um trabalho infatigável, de gnomos fantásticos, semelhantes ao que os alquimistas foram. A sua atividade define-se pelo esforço mais ou menos consciente para descobrir as leis gerais que determinam a existência da linguagem e cuja posse é igual à da pedra filosofal”³. Roman Jakobson, Trubetzkoi, entre outros, anteciparam, juntamente com Iuri Lotman, Ivanóv e Propp, na famosa revista *Poetika*, de 1919, as reflexões em torno da lingüística estrutural, da teoria da informação, da cibernética e das formas de repetição típicas dos contos populares russos. Em 1929, um dos maiores autores do século passado, Mikhail Bakhtin publica *Problemas da Obra Poética de Dostoiévski*, hoje mais conhecido como *A Poética de Dostoiévski*, onde se visualiza a primeira grande contribuição para a teoria do dialogismo, entendendo como diálogo a única esfera possível da linguagem, da comunicação e, conseqüentemente, da cultura. Datam de 1968 os primeiros estudos de Umberto Eco sobre as manifestações artísticas, entendidas como recepções *in* aberto, como marcas ecléticas de fenômenos culturais. Em 1978, revisando com Fabbri o já clássico modelo informativo, o autor proporá as bases de uma teoria da significação e, conseqüentemente, dos atos de cultura. Com *O Tratado Geral de Semiótica*, de 1980, revisitará as relações intrínsecas entre semiótica e construto cultural, chegando a uma teorização da cognição em 1997, em *Kant e o Ornitorrinco*, onde aposta mais uma vez na idéia de que todo ato de comunicação será sempre um ato de cultura que, trará, em seu bojo, um ato de barbárie.

³ Recém chegando a Paris, Julia Kristeva, que fará parte do grupo mais representativo dos intelectuais de 1970/80 cita-o em seu artigo L'Expansion de la Sémiotique. In Kristeva, J. et al. *Essays in Semiotics*, Mouton, La Haye, 1971.

A saber, este inesgotável *diálogo* entre signos e, principalmente, entre “sistema de signos”, quer literários, orais, gestuais ou inconscientes, é visto como originário das pulsões e tensões provocadas pelo social. A própria noção de signo, neste viés, transforma-se na *arena* do permanente cruzamento entre estes dois planos: o da *infraestrutura*, que através da economia dá suporte a toda a sociedade; e o plano da *superestrutura*, entendida como as normas sociais, políticas, antropológicas, entre outras que formam a própria estrutura ideológica da sociedade. Ora, como todo o signo é ideológico, toda a criação ideológica será sempre reflexo das estruturas sociais e históricas, não podendo, jamais, ser mero produto de uma consciência individual isolada, quer na visão de M. Bakhtin, I. Lotman ou U. Eco. Assim, qualquer modificação na linguagem desencadeará uma modificação na ideologia e, por decorrência, na cultura. Nestes termos, a noção de dialogismo criada por Bakhtin será por demais importante em tal concepção de cultura, entendida no viés semiótico e referir-se-á ao caráter continuamente mutável e renovável do próprio signo, cujo *sentido pleno* emerge do jogo complexo dos intercâmbios sociais aqui entendidos como diálogos.

Iuri Lotman vai recuperar exatamente esta noção bakhtiniana quando estudar a reconversão do processo comunicativo emissor/receptor em emissor/emissor e quando se apropriar de algumas noções de Shannon e Weaver, em 1949, para afirmar que, através da teoria da informação e da cibernética, será possível unir o exato e o humano, o histórico e o sógnico, a *poesis* e a *práxis*. Com a explosão das teorias semióticas nos anos sessenta e com as idéias dos autores que surgem naquele panorama, Lotman ao lançar em 1976 sua obra *A estrutura do texto artístico*, reintroduz alguns dos antigos preceitos da Escola de Semiótica Soviética, quais sejam os de converter a dita velha poética russa em ciência literária e a de perceber a necessidade de atribuir maior rigor científico à própria análise dos textos literários. Também, perceber-se-á constantemente, nestas pesquisas, a presença do marxismo como disciplina indispensável à compreensão dos fenômenos sociais, políticos, históricos e culturais, o que determinará diferenças profundas deste estudo em relação à prática semiótica ocidental idealista e pretensamente apolítica, desideologizada. Pensemos junto com o autor: no entender de Lotman, incorpora-se uma noção rara à semiótica, a de que será o sujeito quem deverá se adaptar a fim de sobreviver ao ambiente natural em que vive e se desenvolve. Para tal, este sujeito empírico necessitará de instrumentos adequados

genericamente, que se refiram ao trabalho, à organização social, à linguagem, à consciência. Tais elementos estarão intrinsecamente ligados e determinar-se-ão uns aos outros impedindo sua separação, projetando uma visão total de sua complexidade. Qualquer organismo incapaz de se adaptar e/ou reagir aos estímulos e influências exteriores estaria, assim, fadado ao aniquilamento. Nesta obra, praticamente inaugural para os estudiosos brasileiros no final da década de setenta do século passado, Lotman afirma que a linguagem será qualquer sistema organizado de signos que sirva para a comunicação entre dois ou mais indivíduos o que, como já foi dito anteriormente, incluirá, no primeiro caso, a autocomunicação, em que um mínimo de dois indivíduos está representado num só que assumirá as funções de emissor e receptor. Qualquer linguagem que sirva de meio de comunicação será, portanto, constituída por um universo de signos que possui regras de combinação definidas, formalizadas em estruturas, com um modo de hierarquia própria. As linguagens assim definidas distinguem-se, pois, dos sistemas que não servem de meio de comunicação, dos sistemas que servem de meio de comunicação, apropriando-se de meros sinais, além daqueles sistemas que servem realmente de meio de comunicação, ou seja, daqueles sistemas altamente complexos que se constroem a partir de textualidades amplas.

Pensemos, agora, na obra de Umberto Eco como uma passagem – obrigatória é claro – de algo que podemos chamar de releitura da tradição histórica a uma visão muito própria de cultura como todo e qualquer acontecimento que nos mostra a tradução de uma marca de modernidade, de hiper-realidade, de hiper-modernidade. Em seus primeiros ensaios dedicados à comunicação e à significação sente-se, sem dúvida, a busca de uma articulação ou uma tentativa de conciliação entre uma teoria da comunicação restrita ao circuito acadêmico e uma fluência das teorias sobre a esteticidade que aparece repensada por uma leitura dos tratados de Luigi Pareyson, cotejados com os de Max Bense, Roman Jakobson e até com Roman Ingarden. São idéias de vulto, originais como a de buscar os jogos de raciocínio que, pouco a pouco, deixam entrever discussões apoclípticas e integradas sobre o erudito, o popular e o massivo.

Desde sempre e especialmente em *O Tratado* Umberto Eco afirma que “ a semiótica estuda todos os processos culturais como processos de comunicação. Todavia, cada um desses processos parece que subsiste unicamente porque sob eles se estabelece um sistema de significação.” O texto comunicacional é um estímulo que provoca uma resposta no leitor

(trabalhos da estética da recepção já repensaram esta problemática: Jauss e Mukarovsky, Vodka, ..) e esta resposta pode ser construída de várias formas e em diferentes direções sempre num amplo cenário apenas e só peculiar às paisagens culturais.

Os principais fundamentos da teoria da comunicação que Eco retoma, em especial na revisão do modelo informativo, já em 1978, baseiam-se nas teses de Nietzsche e Bergson. Para ele, a teoria da recepção e a semiótica estão ligadas à tradição do formalismo russo e do estruturalismo checo e o viés cultural contemporâneo é impensável sem estar, com ambas, relacionado. Assim, a teoria da comunicação estabelece seus pressupostos ao privilegiar o estudo das atividades e processos que objetivam a transmissão de mensagens e textos, além da passagem de puras textualidades; aponta para as possibilidades de aplicação destes conceitos a investigações sobre diversos domínios, tais quais, arquitetura, música, teatro, publicidade, cinema, Internet... e partindo das relações que se estabelecem entre teoria da comunicação/ semiótica/ teoria da informação, criará vários modelos interpretativos capazes de sustentar um amplo modelo teórico que representará a estrutura de uma relação frutiva entre as obras e seus receptores e a sociedade em que se manifestam. Não encara, pois, a tessitura como produto acabado, mas como contínua produção, onde o processo de construção e as probabilidades instauram o discurso aberto, somados ao aspecto ambíguo peculiar da arte. Partindo da tentativa de justapor a um único fenômeno pontos de vista diversos, o autor situa suas pesquisas semióticas como um jogo contínuo de dar “formas cada vez mais abrangentes e operativas às modalidades pelos quais os homens se comunicam no curso da história e através de modelos sócio-culturais diferentes”. Deste modo, centra suas preocupações situando seus estudos na aplicação do conhecimento sobre os processos de comunicação e sobre a esfera semiótica, no estudo das intervenções política, social, mítica, estética, dentre outras, nas quais se percebe o poder substituindo a livre escolha, bem ao gosto benjaminiano. Ainda revela que seu estudo partiu da possibilidade de interpretar e reconhecer os mais diversos códigos que se manifestam nos fenômenos comunicativos. A sua questão epistemológica recobre “ uma pesquisa semiótica que trabalha sobre um fenômeno social como a comunicação e sobre sistemas de convenções culturais como os códigos (...) cujo salto consiste em passar, através de uma série de ficções descritivas, do universo dos seres humanos ao universo dos modelos

comunicativos”⁴. Dialeticamente, isto aponta para hipóteses de códigos que funcionam como modelos estruturados de possíveis trocas comunicacionais, como modelos que podem ser usados numa releitura e possível análise dos produtos culturais típicos da sociedade altamente midiática.

Ao propor uma semiótica da interpretação dos produtos culturais, dos limites que tal interpretação sugere, o autor constrói um modelo de estratégia textual que pressupõe uma figura de leitor totalmente abstrato. Para Eco, não está em questão um tipo de modelo comunicativo que projete um receptor efetivo, sociológico ou empírico, mas sim uma categoria textual. E, esta sua aposta Acima de tudo no texto acaba por revelar um procedimento metodológico que recupera, via tecido construído culturalmente, as nuances dos receptores efetivos, que *a posteriori* ele definirá como simulacros. Aos receptores empíricos cabem outras funções que ali não serão exploradas. Aos receptores modelo se oferece um contrato enunciativo e se exige um grau de competência enciclopédica que os torna capazes de identificar e interpretar os códigos elencados no tecido textual. Tentando estabelecer as diferentes relações de sentido a partir de tal modelo semiótico, Eco amplia este referencial, chegando à sua própria noção de texto confrontada com a de co-texto, circunstância, contexto, este último já estabelecido, dado dentro de uma produção cultural demarcada.

Centrando-se no texto, Umberto Eco o entenderá como nada mais sendo que um mecanismo que prescreve quais representações dos termos, nós, fragmentos que o compõem devem ser delimitadas de modo a que se possa estabelecer níveis e práticas significativas coerentes e legítimas. Fora do texto, os termos possuem todos os sentidos virtuais possíveis; no tecido textual são marcas onde o sentido se produz e onde se produz sentido. Ou, se quisermos, no dizer de Mikail Bakhtin, onde não houver texto, não haverá tampouco objeto de investigação e de pensamento; no texto estão os confins, as projeções hipotéticas, que determinam a gestação de um ou mais sentidos em detrimento de outros. Ou, ainda, como Iuri Lotman o considera, o texto será conjunto sígnico coerente, formação semiótica singular, fechada em si, dotada de um dado significado e de uma função de integridade não descomponível, a não ser em desconstruções teórico- práticas.

⁴ Eco, Umberto (1976/16).

Neste panorama, a compreensão da tessitura cultural surge como noção fulcral a partir de variadas reflexões para designar os estudos das relações entre os diversos sistemas de signos compartilhados e/ou em permanente interação, que coabitam a multiplicidade dos espaços sociais. Tais “lugares culturais”, ou, em outros termos, ambientes propícios ao (re)nascimento de nuances temporais, espaciais, sócio-antropológicas, podem ser entendidos aqui como um complexo sistema de sistemas de signos em que os diferentes elementos da cultura, na totalidade de suas manifestações ou expressões, interagem, harmonizam-se ou colidem entre si. Deste ponto de vista, a cultura, enquanto sistema semiótico por excelência, representa e dá sustentação aos conjuntos de elementos que a compõem, transformando-se em um indecifrável espaço que possibilita a realização, expansão e expressão dos processos comunicacionais representados pelos diferentes conjuntos de linguagens que adquirem, promovem, armazenam, transmitem e divulgam todo um referencial de informações desta referida cultura. Tudo isso, inclusive, reforça a preocupação em tentar compreender esses encontros culturais promovidos ou proporcionados pelas mais diferentes causas, quais sejam os choques entre culturas, tribos, civilizações; a expansão, colisão de códigos; a complexidade, o adensamento e até o próprio fracionamento das linguagens nas ressurgências, possíveis emergências e devanescimentos desses mesmos signos. Tais sistemas culturais serão aqui não uma mera “estrutura” de regras combinatórias lineares, pré-definidas e “fechadas” em determinados códigos ou procedimentos, mas sim um “organismo” vivo, relacional e permeável, possuidor de uma organização interna que se valerá dos conjuntos de signos, não necessariamente lingüísticos, como meio de expressão ou comunicação.

Dessa problematização acerca das interações entre sistemas semióticos diferentes, sejam eles textos ou linguagens, na tentativa de entendê-los enquanto produção de sentido, opta-se por vê-los como tecidos articulados em universos simbólicos, entranhados de mínimas unidades de cultura, onde o processo de narrativização constitui, sem sombra de dúvida, a mescla completa e complexa dos múltiplos processos de significação. A saber, o sentido dos textos se atualiza a nível de sua produção em suas peculiares condições de enunciação e permanece enquanto unidade enunciada aqui e agora, recriando sua significação própria na cadeia da história, nos inúmeros processos receptivos e reiterativos que revelam desde os ritos até os mitos e os saberes de uma dita sociedade. Ora, se viver é

dialogar e comunicar em sociedade, conhecer é inferir sobre a realidade dos acontecimentos a partir de suas circunstâncias enunciativas, ditas culturais. Ou seja, acontece um processo sempre ativo de construção de marcas culturais que se reorganizam em novas e múltiplas atualizações de um mesmo tecido textual. Toda produção de sentido remete à construção da cultura e, por sua vez, esta remete às inúmeras interpretações que os diferentes sujeitos do fazer e do dizer podem engendrar. Não se trata, entretanto, em momento algum, da mera dicotomia entre cultura e barbárie, conforme estudada pelos primeiros sociólogos e antropólogos do início do século XIX. Tal trânsito entre espaços semiotizados ou a serem semiotizados será vista por Lotman e Eco como extremamente positiva, uma vez que proporciona mobilidade sógnica aos variados aspectos constituintes da semiótica e da cultura. Cria-se, deste modo, uma “passagem” entre espaços compartilhados ou a serem compartilhados que requer, como mediador cultural, determinados “filtros” que funcionam como “tradutores” entre os sujeitos e suas culturas; ou entre os sistemas significantes internos e externos, que vão adaptando, organizando e construindo tais transformações *entre* ou *em* ambientes semióticos.

Em outros termos, poderíamos falar do *trânsito* entre os diversos artefatos produzidos pelo “Homo Culturalis” e a Natureza em sua expressão e forma pura ou bruta. Tais procedimentos de projeção/introjeção não ocorrem de maneira homogênea, tampouco em um mesmo nível. Apresentam variações que procedem da transformação do espaço dito não-semiótico e daquele entendido como semiótico, em suas distintas concepções de informação, cultura e conhecimento.

A semiosfera ou a idéia de uma semiótica com sendo uma grande lógica da cultura é entendida, assim, como um espaço onde há determinada homogeneidade e individualidade semiótica⁵, o que lhe pressupõe um certo caráter delimitativo, enquanto espaço extra/intra semiótico. A semiosfera tem um caráter diacrônico, dotado de um amplo sistema de memória que vai desde o individual, ao coletivo, ao atemporal em contraponto com o histórico. E, se cotejarmos tal noção com algumas idéias muito caras a Umberto Eco, veremos que o autor quando se reporta ao limiar da semiótica, onde encontraremos a afirmação de que os estados do mundo devem ser nomeados e estruturalmente organizados.

⁵ Homogeneidade entendida aqui não como um bloco teórico, mas sim como um conjunto sistêmico e organizado.

Se apenas nomeados, enquanto fenômenos culturais, adquirem tal autonomia que podem ser entendidos como extra-referenciais, ou seja, estarão fora do sistema básico de segmentação que uma primeira teoria dos códigos propicia e logo, fora de um primeiro sistema semiótico. Deste modo se poderá elaborar uma teoria da produção sógnica, que mesmo confrontando verdade/mentira, permanecerá num patamar puramente semiótico. Tal produção sógnica desencadeará forças sociais e poderá produzir ideologia e também crítica da própria ideologia, fazendo com que a semiótica se constitua tal qual uma *práxis* social da real produção de sentido, tal qual uma *práxis* da memória coletiva e da representação do imaginário do mundo como texto e do texto como mundo.

Clarificando, Umberto Eco, ao escolher o cultural, não estaria deixando de lado uma semiótica do natural, ou seja, aquela que apenas estudaria os sinais da grande mãe natureza. Ao contrário, visto do ângulo comunicacional, apontaria para uma mensagem já codificada por uma certa convenção entre os participantes de uma já dada cultura. Tudo isso reportaria à semiótica entendida por Umberto Eco como uma releitura da história da filosofia e como uma grande lógica da cultura. A visão de cultura peculiar ao autor, ainda que ancorada em sua paixão pelo medievo repercute, nas filigranas do contemporâneo, de forma mais específica a partir da sua noção de competência enciclopédica, passível de ser entendida como uma potencialidade de conhecimento infinito e gerador de infinitos conhecimentos. A imagem da enciclopédia se repetirá, para Lotman, numa biblioteca imaginária que reunirá os critérios fundamentais adequados à noção de fronteira associada ao conceito de memória, à visão de “pessoa semiótica”, o que implicará em um sujeito de caráter empírico e numa peculiar noção de *continuum*. No seu entender, pode-se considerar o universo semiótico como um conjunto de distintos textos e de linguagens fechadas umas em relação às outras. Entretanto, todo espaço semiótico também pode ser considerado como um mecanismo único (como um organismo). Nele, surgiriam sistemas menores, universos de sentido, que gerariam o *grande sistema*, denominado semiosfera. “A semiosfera é o espaço semiótico fora do qual é impossível a existência mesma da semiose. Só a existência de tal universo, o da semiosfera faz realidade o ato sógnico particular”.⁶

Refletindo nessa mesma instância Umberto Eco, quando se propõe a revisitar seu conceito de cognição e de construção metafórica, parte da hipótese de que o passado

⁶ Op. cit. 1996/24.

sobrevive em nós, através de mecanismos tais quais os hábitos que adquirimos ao longo da vida e em lembranças totalmente independentes que flutuam em nossa mente. O uso da experiência passada para a ação presente, o reconhecimento dos objetos do mundo e da existência, enfim, deve realizar-se de duas maneiras: ou se fará na própria ação e pelo funcionamento completamente automático do mecanismo apropriado às circunstâncias, ou implicará em um trabalho do espírito, que irá buscar no passado, para dirigir ao presente, as representações que mais se inserirem na situação atual.⁷ Tudo isso levará ao reconhecimento de um objeto presente, por movimento, quando da parte do objeto e por um conjunto de representações, quando da parte do sujeito. Há, assim, duas formas de memória, aquela que pode ser considerada como repetição e quase como hábito e aquela que registra, sob forma de imagens-lembranças, todos os acontecimentos de nossa vida cotidiana, ou seja, através dela se faz possível o reconhecimento de uma percepção já experimentada.

Num processo de reconhecimento ou mesmo de aprendizagem, Eco nos dá dois exemplos bem peculiares: um se refere ao reconhecimento feito pelos astecas aos primeiros cavalos que chegaram à costa peruana, com *Montezuma e os cavalos*⁸; outro à percepção que se deve ter quando se reconhece que a *Ayers Rock*⁹ pode ser vista como uma montanha e também pode não ser reconhecida como tal. Todos estes signos, tessituras, co-textos e contextos que servem para dar ao texto sua real produção de sentido originam-se, para Eco, na grande memória enciclopédica que o sujeito armazena. Conseguimos distinguir e mesmo conhecer a partir *a priori* de comparações que projetam similitudes, simpatias, antipatias, analogias ancoradas em nossa experiência passada. Por tal, o eixo das similaridades e o próprio iconicismo se tornam tão importante para Eco, Foucault, Barthes e tantos outros autores que trabalharam tal categoria. E, fundamentalmente, para Charles Sanders Peirce.

Traduções e memórias nos projetam em mundos possíveis que só são possíveis a partir deles, uma vez que somos aquilo que a memória permite recuperamos de nós mesmos e do mundo que nos rodeia. Vale dizer, a memória nos permite abduzir e, a abdução sendo o princípio da lógica da descoberta, está próxima da lógica da interpretação, que se inscreve

⁷ A memória retrabalhada por Proust e tantos outros autores na literatura nos serve como paradigma para a concepção aqui proposta, além de alguns pressupostos de Bergson. (1990/60).

⁷ Quer no **Tratado**, quer em **Semiótica e Filosofia da Linguagem**, e, de forma mais ampla em **Kant e o Ornitorrinco**, Eco recupera a noção de conhecimento por analogia. (1998/112).

⁹ Idem; ibidem. (1991/191).

sob o gênero do raciocínio por analogia, o que acaba por interferir na compreensão do mundo como tecido significativo.

Epistemologicamente, os percursos teóricos da semiótica ligados aos objetos comunicacionais se(re)descobrem e se(re)significam através de inferências que organizam sentidos e produzem culturas. A estrita diferença entre “sistemas” já não é mais o problema por excelência dos tradutores, nem dos pesquisadores da memória, da fragmentação de espaços, do ressurgimento de mitos... Pelo contrário, a presença de tal diversidade é necessária para a existência do mundo cultural. Os “resíduos” traduzidos e temporais, ou em outras palavras, a incompatibilidade, ou o “espelhamento”, ou a “similaridade” entre os mais ambivalentes signos, deixam de ser vistos como reais problemas pelos verdadeiros semioticistas. Tudo isto incorre numa preservação do todo, sem detrimento das partes nem sequer dos fragmentos, o que acaba por garantir sua possibilidade de preservação e conservação, seu remanejamento e sua ampliação num universo de signos, tal qual o da própria vida cultural.

Por tais razões, a idéia de semiosfera e mesmo a da semiótica da cultura recolocam a discussão acerca da noção de “passagem” entre os mesmos e próprios sistemas semióticos. Se percebida enquanto *ambiente entre signos*, lugar interseccional, seus limites ou linhas divisórias ora se distendem, ora se contraem; ora se explicitam, ora se velam. Se problematizada como *transposição*, seus fenômenos constituintes estarão dispostos de forma nem tão fixa que promova regularidades, nem tão móvel que perca qualquer possibilidade de visualização; nem tão abrangente que careça de definições, nem tão encarcerada em si mesma a ponto de não suportar o próprio estudo do signo e da cultura como um todo.

Ainda que nos estudos de comunicação realizados no Brasil e América Latina, a grande ênfase seja dada aos estudos culturais cuja matriz repousa nas questões de gênero e recepção, preocupamo-nos, neste artigo, em inserir alguns desvios aqui pensados através de uma matriz de produção de sentido e significação, local onde as diferentes conexões dos signos encontram eco, distanciando-se de uma preocupação mais social, política ou geográfica. A noção de cultura está pois relacionada, desde sempre, ao universo dos elementos que entram em contato com o complexo conjunto sistêmico agregado à significação, nos quais interagem os diferentes mecanismos que permitem a criação de

novas conexões que se transformam e se traduzem em códigos, linguagens, memórias, origens, histórias e produções culturais. Passagem primordial entre conhecimentos da natureza e do humano, tais limiares de sentido repercutem nas discussões vivenciadas na Academia.

Além do mais, esta *passagem memorial* entre fronteiras culturais traz em seu caminho o *ir além*, o transpor, o atravessar, o ultrapassar quem sabe até o corpo do guerreiro São Sebastião, na flecha que, como o regato que cruza o caminho, que como o rio de Heráclito que corre eternamente com o *tempo* e a *memória* para o mar, separa três policromáticos horizontes... levando à terceira margem roseana. Situação semiótica complexa, tudo isso proporciona o *ir ao longo de*, ao *prolongar-se através de*, como se estar no tempo da cultura e da própria semiose fosse estar no ontem da espera, no hoje da atenção e no amanhã da memória...

Porto Alegre, 08 graus, 23 de maio de 2006.

Bibliografia:

- Bérgson, Henri. **Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito.** São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- Campos, Haroldo de. **Metalinguagem & outras metas: ensaios de teoria crítica literária.** São Paulo: Perspectiva, 2004.
- Eco, Umberto . **Os limites da interpretação.** São Paulo : Perspectiva, 1995.
- _____. **Tratado geral de Semiótica.** São Paulo: Perspectiva, 1980.
- _____. **Semiótica e filosofia da linguagem.** São Paulo: Ática, 1991.
- _____. **Kant e o Ornitorrinco.** Rio de Janeiro: Record, 1998.
- Foucault, Michel. **As Palavras e as Coisas. Uma arqueologia das ciências humanas.** São Paulo: Martins Fontes, 1985.
- Lotman, Iuri. M.. **La Semiosfera I. Semiotica de la Cultura y del Texto.** Edición de Desiderio Navarro. Madrid: Cátedra, 1996.
- _____. **La Semiosfera II. Semiótica de la Cultura, del Texto, de la Conducta y del Espacio.** Edición de Desiderio Navarro. Madrid: Cátedra, 1998.
- _____. **Semiotica de las Artes y de la Cultura. Edición de Desiderio Navarro.** Madrid: Cátedra, 2000.
- _____. **A Estrutura do Texto Artístico.** Lisboa: Estampa, 1978.
- Lotman, Iuri et alii. **Ensaio de Semiótica Soviética.** Lisboa : Livros Horizonte, 1981.